

# Nelson Rodrigues em *Manchete Esportiva*: crônicas da alma brasileira

Daisi Irmgard Vogel

## Resumo

*Manchete Esportiva*, publicação da Bloch Editores, circulou semanalmente entre novembro de 1955 e maio de 1959. Foi nela que Nelson Rodrigues se consolidou como cronista esportivo, escrevendo, a cada semana, um pedaço da história da crônica e do futebol no Brasil, em sua associação à idéia de uma identidade nacional. As crônicas, tal como a revista, também registram uma temporalidade de *véspera*: precedem o momento em que a indústria cultural se instaura efetivamente no país.

## Palavras-chave:

*Nelson Rodrigues, Crônica de esportes, Jornalismo brasileiro, Identidade nacional*

## Abstract

*Manchete Esportiva*, magazine published by Bloch Editores, circulated weekly between November of 1955 and May of 1959. Nelson Rodrigues built his career as a sports writer through his weekly columns at *Manchete Esportiva* by crafting pieces of Brazilian history, a mix of newspaper and soccer chronicles associated to his concept of a national identity. His writings as well as the magazine itself register a moment in a time that preceded the establishment of Brazilian cultural industry.

## Key words:

*Nelson Rodrigues, Sport chronicle, Brazilian journalism, National identity*

Nelson Rodrigues produziu intensamente na segunda metade dos anos 50. Escreveu quatro peças teatrais: *Perdoa-me por me traíres* e *Viúva porém honesta*, em 1957, *Os sete gatinhos*, em 1958, e *Boca de Ouro*, em 1959. Ainda em 1959, começou a publicar no jornal *Última Hora*, no Rio de Janeiro, os capítulos do romance *Asfalto Selvagem*, que prosseguiram até o ano seguinte. Na mesma época, escreveu boa parte dos contos da série *A vida como ela é...*, também veiculados no *Última Hora* ao longo de toda a década de 50, somando quase duas mil histórias<sup>1</sup>.

É nesse período que se definiu uma identidade duradoura de Nelson: o cronista de esportes. Ele assina uma série de 156 crônicas, a maioria falando de futebol, em *Manchete Esportiva*, uma revista da Bloch Editores, no Rio de Janeiro, que circulou semanalmente entre novembro de 1955 e maio de 1959. Nelson constava do expediente como o “redator principal” da revista, em cuja redação escrevia também os episódios de *A vida como ela é...*, de onde eram enviados ao jornal *Última Hora*.

Essas crônicas se apresentam como voz e imagem do autor, que fala e se mostra, com foto e assinatura, na primeira pessoa. O cronista acompanha campeonatos, analisa partidas isoladas, torce pelo seu time, escreve sobre episódios da vida dos envolvidos com o esporte, sejam jogadores, técnicos, juízes, torcedores ou mesmo uma camisa ou uma cusparada, e passa pela conquista da primeira Copa do Mundo de futebol por um time brasileiro, em 1958.

A série pode ser dividida em dois grandes grupos. O primeiro é formado pelas crônicas publicadas até julho de 1957, em que Nelson revela nos títulos o seu tema semanal, esco-

lhido entre os acontecimentos recentes ou simplesmente trazido à tona pelo autor. O segundo se forma a partir da octogésima crônica até a última, nas quais usa um formato que denomina “Meu personagem da semana”, elegendo para cada edição um personagem-tema. Nesse segundo grupo, os títulos variados saem de cena e a idéia de construir personagens nas crônicas dá visibilidade à desenvoltura com que Nelson, na época já um dramaturgo respeitado, consegue unir futebol e teatro.

Seus vínculos com o futebol são, sem dúvida, anteriores à existência de *Manchete Esportiva*. Foi jogador de peladas e torcia pelo Fluminense desde os sete anos de idade. Deficiente visual a partir dos 30, Nelson continuou indo aos estádios e pedia a alguém que lhe narrasse oralmente as partidas. O futebol é tematizado também fora das crônicas, como na torcida do personagem Zózimo, no romance *Asfalto Selvagem/ Engraçadinha, seus amores e seus pecados*, e na obsessão de Tuninho, na peça *A falecida*.

São as crônicas de *Manchete Esportiva*, no entanto, o momento da consolidação de Nelson como cronista esportivo. A imagem do dramaturgo passa a ter a sua face de futebol. Com isso, escreve uma fábula de grande interesse para a história da associação do futebol à idéia de uma identidade nacional brasileira. Ao mesmo tempo, problematiza sua imagem de autor entre os críticos que vêm na crônica de esportes, e às vezes no próprio esporte, uma função essencialmente alienante e pobre. Nelson exercita um estilo ágil e oralizado, em que descrições de cena, associações de imagens, figuras de linguagem e mesmo a ênfase das repetições permitem entrever uma maneira sofisticada de perceber o futebol e de escrever crônicas.

<sup>1</sup> As informações sobre fatos da vida de Nelson Rodrigues estão baseadas na biografia feita por Ruy Castro: *O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

Roberto DaMatta (1993: 17) apontou em Nelson Rodrigues o primeiro a enxergar o verdadeiro papel que o futebol desempenha para a definição da idéia de “ser brasileiro”, pois seria o esporte pelo qual teríamos conseguido, no Brasil, “somar Estado nacional e sociedade”. Nas crônicas esportivas, Nelson sintetiza a noção do que seria e uma “alma brasileira” representada no futebol. Podem, por isso, ser tomadas como palco em que tensões estéticas, históricas e sociais se manifestam. Assim, as crônicas de Nelson em *Manchete Esportiva* são ricas enquanto território em que duas representações, esporte e narrativa, se articulam.

*Manchete Esportiva* propunha-se a ser uma revista “moderna”, no formato e no tipo de jornalismo que fazia.

Nas coberturas dos jogos, mandávamos uma legião de fotógrafos e jornalistas, e a produção da revista era rápida. Os jogos aconteciam no domingo e na segunda a revista estava nas bancas. Os cronistas e colaboradores também eram os melhores. Nelson escrevia aos domingos, à noite, em menos de meia hora produzia uma crônica genial.

A descrição, feita por Augusto Falcão Rodrigues<sup>2</sup>, diretor da revista *Manchete Esportiva* e irmão de Nelson Rodrigues, revela um pouco da vontade de modernidade que cercava a publicação, no final dos anos 50. Adolfo Bloch, dono da editora, encampara o projeto desenvolvimentista de Juscelino Kubitschek e “comprou” do jornalista Mario Filho, irmão mais velho de Nelson, a idéia de fazer uma revista “moderna”, especializada em esportes, na linha de pensamento juscelinista: podia dar certo, era necessário apostar (cf. Castro, 1992: 263).

Conceitualmente, portanto, *Manchete Esportiva* fazia parte do “avanço” rumo à modernidade pretendido nos anos JK. A revista propunha um salto diferencial em relação aos padrões do jornalismo esportivo da época no país. A cobertura dos jogos disputados aos domingos saía publicada na revista comercializada na manhã seguinte, uma façanha que era, como observa Castro (ibidem: 265-266), “notável para uma revista daquele tempo – e ainda é”.

Segundo Augusto Rodrigues,

O esporte era um assunto desprezado pelos jornais. Foi Mario Filho quem viu no esporte um filão inexplorado do jornalismo e a importância social do esporte. Ele achava que o jornalista não devia apenas reportar a realidade, devia também criar a realidade. Assim ele deu origem à Copa das Nações, trouxe os remadores de Cambridge para o Rio, mandava dez repórteres cobrirem uma corrida de cavalos na Gávea.

Mario idealizou *Manchete Esportiva* e levou os irmãos Augusto, Paulo e Nelson para lá.

Como se vê, a revista não se restringia à cobertura das partidas de futebol da semana. Outras modalidades esportivas tinham espaço, mas de fato não ocupavam mais que dez a vinte por cento do espaço da revista. O futebol reinava com fotos grandes e reportagens sobre os acontecimentos dos jogos e dos campeonatos, além de inspirar pequenas fotonovelas, parodiadas de títulos literários e tendo os jogadores como atores e personagens.

Assim, em *Manchete Esportiva* nº 10, de 28 de janeiro de 1956, Leônidas, jogador do América, conta sua história: da vida como sapateiro ao salário de dez mil cruzeiros por mês no futebol, em oito fotos e sob o título de *Os Miseráveis*, mencionando uma inspiração em Victor Hugo. Na décima sexta edição da

<sup>2</sup> Augusto Rodrigues foi entrevistado por telefone, em sua casa, no Rio de Janeiro, em 23 de outubro de 1995. As afirmações que lhe são atribuídas foram extraídas dessa conversa.

revista, de 8 de março de 1956, Paulo Rodrigues assina o libreto de outra história, cujo título é uma referência dupla e curiosa: *Rigoletto ou Meu Destino é Pecar*, sendo a ópera de Verdi associada ao folhetim de Suzana Flag, pseudônimo de Nelson. O jogador Didi é o personagem da história e está em cores na capa, vestido de Rigoletto.

Esse tratamento dado ao esporte se sintomiza com o que Renato Ortiz (1994: 65) observou ser uma característica nos anos 40 e 50:

[...] a interpenetração da esfera de bens eruditos e a de bens de massa configura uma realidade particular que reorienta a relação entre as artes e a cultura popular de massa. Esse fenômeno pode ser observado com clareza quando nos debruçamos nos anos 40 e 50, momento em que se constitui uma sociedade moderna incipiente e que atividades vinculadas à cultura popular de massa são marcadas por uma aura que a princípio deveria pertencer à esfera erudita da cultura.

As crônicas de Nelson, que também trazem referências constantes à chamada cultura erudita, citando, entre outros, Shakespeare, Bocage, Dostoiévski, Camões, Dickens – de quem faz uma curiosa paráfrase com a imagem do “lento e fluvial escoamento”<sup>3</sup> – ou Bilac, mantinham em sua temática um relacionamento estreito com o noticiário de *Manchete Esportiva*, com assuntos e personagens coincidentes com a pauta da revista. Na edição de número 32, a reportagem principal é sobre o jogo Brasil x Uruguai, no Maracanã, ocorrido no domingo anterior.

*Manchete Esportiva* (nº. 32, 30 jun. 1956) reporta o jogo sem assinar:

[...] Aos 20 minutos da fase final estourou o primeiro “sururu”. Miguez “apanhou” Hélio no

meio da cancha e imediatamente foi expulso pelo juiz (diga-se de passagem, um dos principais responsáveis pelos acontecimentos). Aos 33 minutos Carranga é expulso por jogo violento. Nova confusão... Aos 34 minutos Zizinho abriu a contagem, cobrando uma penalidade nas proximidades da área. Aos 49 minutos (na prorrogação, face aos acontecimentos) Ferreira dá a Leônidas. Este dribla a Santamaria e cruza para a ponta direita. Canário aparece na corrida, ultrapassa Davoíne e fuzila o arqueiro Maceiras, assinalando o segundo gol dos brasileiros. Um minuto após, novo “sururu” explode. Frederico Lopes expulsa Davoíne. O jogador uruguaio avançou e agrediu o árbitro, sendo imitado por Escalada e Ramos. Generalizou-se a confusão e os quatro uruguaio são retirados da cancha. Após a normalização, prossegue o jogo, que acaba pouco depois. [...]

Nelson intitula sua crônica, publicada na mesma edição, *O Tapa Celestial*. Refere-se ao jogo como acontecido *ontem* e escapa totalmente do tempo cronometrado do jogo, usado na reportagem. Sua abertura diz:

Teoricamente, eu acho o seguinte: – não pode haver nada mais importante do que uma bofetada. Digo mais: – o ato de dar ou apanhar na cara é a grande, a inexcusável, a portentosa experiência terrena. Acresce que a bofetada tem um som específico, que lhe valoriza a hediondez.

Só no meio da crônica, chega de fato à agressão ao juiz:

[...] Imaginem o que não sentiu o juiz do match Brasil x Uruguai, ontem, no Maracanã. Foi caçado a tapas, a pontapés pelos orientais. Já a agressão em si mesma, a correria e o susto trazem uma dessas experiências terrenas que

<sup>3</sup> Dickens usa a imagem de “uma correnteza de gente que seguia naquela direção e fluía, indiferente”, enquanto Nelson escreve “fiquei vendo a saída da multidão, que tinha qualquer coisa de fluvial em seu lerdo escoamento” ou “a torcida rubronegra que tinha algo de fluvial no seu lerdo escoamento”.

A passagem de Dickens está em *Four letters to the Earl of Shelburne*.

marcam para sempre. Mas vejamos as agravações do episódio: – estavam lá, com uma inapelável eficiência, o rádio, a televisão, o jornal e o cinema. Trata-se, pois, de uma humilhação impressa, irradiada, televisionada, filmada. Pode-se desejar provação mais horrenda? [...]

Às vezes, a crônica de Nelson reverbera o tom central da edição. No nº 103, de 9 de novembro de 1957, por exemplo, o tema da crônica – uma cusparada de Dida, capaz de tirar uma bola de pênalti do gol do Flamengo – é a chamada de capa de *Manchete Esportiva*: “Dida cuspiu na sorte no Canto do Rio”.

Augusto Rodrigues afirma que o futebol prevalecia em *Manchete Esportiva* “porque era o esporte que mais tinha público. Era o esporte nacional. Eram as vitórias brasileiras no futebol que estimulavam o orgulho nacional, e era praticado de norte a sul do país, em todos os estados” (grifo meu). Além dos sete colaboradores na redação e dezesseis fotógrafos no Rio, *Manchete Esportiva* mantinha, segundo seu expediente, correspondentes em São Paulo, Pernambuco, Bahia, Minas Gerais, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, além de correspondentes em Paris, Portugal, Argentina, Uruguai, Peru, Paraguai e Tchecoslováquia.

Com toda a estrutura e ousadia, a revista vivia da vendagem em bancas. O volume de anúncios publicitários era exíguo. Na primeira fase, das capas em Ektachrome, aparecem em média cinco páginas de anúncios para 40 de revista. São agências de viagens, a programação das rádios AM, uma chamada de Kolynos, o divã Bel-Vedere dos móveis Probel ou o Petróleo Quinado Juvenia, contra caspa, queda de cabelo e garantia de se

estar penteado todo o tempo. A contracapa trazia fotos de torcedoras e atletas em trajes de banho ou *shorts*.

A partir do nº 102 (9 nov. 1957), a revista aumenta de tamanho e passa por uma reforma gráfica. A capa usa uma segunda cor, geralmente o vermelho, sobre as fotos em preto e branco. Segundo Augusto Rodrigues, “Quando começamos a usar a técnica de cologravura<sup>4</sup> nas capas, *Manchete Esportiva* torna-se a revista mais moderna do país”. A número 102 tem 64 páginas e nenhum reclame. Aparentemente, ela se mantinha sem publicidade.

O público leitor de *Manchete Esportiva* “era maciçamente a classe média, a não ser quando havia algum grande acontecimento, quando as classes pobres também liam a revista”, relata Augusto Rodrigues. Ruy Castro afirma que o público leitor era o mesmo torcedor que, nos anos 50, enchia as arquibancadas. “Era a classe média da época, mais letrada que a de hoje, que ia a futebol e lia *Manchete Esportiva*. O futebol era um acontecimento para toda a família e eram as mulheres que comandavam as primeiras torcidas organizadas.”<sup>5</sup> Na vendagem, a revista era um sucesso. Chegou a tirar 100 mil exemplares na época da Copa do Mundo de 58, segundo relembra Augusto Rodrigues.

A publicação, entretanto, não sobreviveu. A ausência de publicidade, associada à progressão geométrica do preço do papel, no final dos anos 50, terá sido responsável pelo fim da revista, antes de fechada a década. Entre 1943 e 1958, o quilo de papel de imprensa importado subiu de Cr\$ 2,35 para Cr\$ 4,82. De 1958 para 1963, saltou para Cr\$ 135,00 – um aumento súbito e concentrado, resultante de um “pacote” de medidas governamentais<sup>6</sup>. Adolfo Bloch fechou *Manchete Esportiva* em junho de 1959.

<sup>4</sup> Segundo o Novo Dicionário Aurélio, a cologravura, ou fototipia, é um “processo de fotogravura em plano, sem retícula, no qual se utiliza como placa impressora uma camada de gelatina bicromatada, que se torna capaz de absorver mais ou menos tinta de impressão, segundo os graus diversos de endurecimento que adquire, correspondentes a maior ou menor quantidade de luz recebida do negativo fotográfico”.

<sup>5</sup> As afirmações atribuídas a Ruy Castro e não citadas como parte da biografia de Nelson Rodrigues foram colhidas em conversas com o escritor.

<sup>6</sup> Preços em cruzeiros antigos citados por SODRÉ, Nelson Werneck. A história da imprensa no Brasil. 4ª ed. São Paulo: Mauad, 1999.

Gisela Goldenstein (1987) analisou a trajetória do jornal de Samuel Wainer, *A Última Hora*, e descreve a passagem do jornalismo político à indústria cultural, no Brasil. Ela verifica que *A Última Hora* possuía as técnicas da indústria cultural e sobreviveu à crise do populismo, no meio dos anos JK, porque aprendeu a se reger pela lógica de mercado. Seguindo sua leitura, é possível afirmar que, tecnicamente, também *Manchete Esportiva* estava em sintonia com o mecanismo da indústria cultural, mas não tinha a sua lógica, e a ausência da publicidade é a prova marcante.

Isso ilumina a questão acerca do status de mercadoria que as crônicas de Nelson poderiam ter. A verdade é que vendiam pouca coisa, além da revista em si mesma, e nesse ponto estão muito mais próximas do folhetim e do *fait divers*, que tinham a missão explícita de aumentar a vendagem dos veículos que os publicavam<sup>7</sup>. Por esse aspecto, as crônicas de Nelson não integram um sistema mercantil. São modernas, enquanto posteriores à imprensa da era industrial, mas são pré-industriais, se falarmos em termos de indústria cultural.

Poder-se-ia dizer, desse modo, que as crônicas esportivas de Nelson, bem como a publicação que lhes deu suporte, precedem o momento em que a indústria cultural se instaura efetivamente no país, o que acontece entre os anos 60 e 70, conforme avaliam Gisela Goldenstein (1987) e Renato Ortiz<sup>8</sup>, resultado de um processo que é, obviamente, contínuo. Os anos 50 são, por essa ótica, uma época de “véspera”. A estrutura técnica existe e está disponível, mas a realidade social ainda não está integrada à lógica dessa estrutura, que é a da sociedade moderna, já que é só no final do período JK, quando a in-

dustrialização se completa, que o país passa a ter uma dinâmica de acumulação tipicamente capitalista (Goldenstein, op. cit: 149).

A base temática das crônicas, o futebol, também passa por um processo contínuo de modernização, donde se pode destacar o evento da profissionalização, a partir da década de 30. Como afirmou Anatol Rosenfeld (1993: 84), “A evolução para o futebol profissional no Brasil é um exemplo clássico da gravitação inevitável de uma trajetória que está ligada ao jogo como espetáculo de massas”. Ele observou que, em certo sentido, a profissionalização foi uma espécie de revolução, enquanto expressão de um conflito social no domínio do jogo. “As massas haviam arrancado às camadas superiores um privilégio. A vingança sutil foi o desaparecimento do prestígio (ligado à saudade dos ‘bons velhos tempos do futebol’): as moças *bem*, a frente mais sensível da burguesia, retiraram-se lentamente das tribunas de futebol e decidiram-se por modalidades mais exclusivas do esporte”(Ibidem: 88).

Nelson Rodrigues aborda essa *saudade* em diversas crônicas, mas em uma, particularmente, explicita o que Rosenfeld enuncia:

Naquele tempo [em 1911] tudo era diferente. Por exemplo: – a torcida tinha uma ênfase, uma grandiloquência de ópera. E acontecia esta coisa sublime: – quando havia um gol, as mulheres rolavam em ataques. Eis o que empobrece liricamente o futebol atual: - a inexistência do histerismo feminino. (*Manchete Esportiva* n.º 1, 26 nov. 1955.)

A passagem do jogo de futebol a espetáculo de massas tem implicação irrestrita com a urbanização e a industrialização crescentes, e a segunda metade dos anos 50 reserva um

<sup>7</sup> O romance-folhetim surge da necessidade de criar um público permanente para os anunciantes do jornal moderno. “A literatura começa a viver do público dos jornais”, afirma Otto Maria Carpeaux, em *História da Literatura Universal*. vol. 6., p. 1396.

<sup>8</sup> Ortiz traça um quadro da realidade dos meios de comunicação de massa no Brasil dos anos 50 e chega a um retrato em que a oferta técnica é muito superior à demanda da realidade sócio-econômica do país. “Seria difícil aplicar à sociedade brasileira deste período o conceito de indústria cultural introduzido por Adorno e Horkheimer.[...] Faltava a elas [às empresas existentes] um traço característico das indústrias da cultura, o caráter integrador.” In: *A moderna tradição brasileira*, 1994: 48.

marco sólido para o papel que o futebol, enquanto símbolo nacional de integração de raças e classes<sup>9</sup>, desempenha no país. Em 1958, o país vence sua primeira Copa do Mundo, na Suécia. Nada poderia amparar melhor a idéia de que o Brasil era mesmo o país do futebol, e esta idéia está generosamente estilizada nas crônicas de Nelson sobre a Copa do Mundo<sup>10</sup>.

Em termos de cenário, a segunda metade da década de 50 foi uma época lembrada como um caso atípico de estabilidade da história política contemporânea do país. O governo de Juscelino Kubitschek, eleito em outubro de 1955, associou desenvolvimento econômico com estabilidade política e, como observou Maria Victoria de Mesquita Benevides (1976: 23), JK “foi o único presidente civil que, entre 1930 e 1964, conseguiu manter-se até o fim do mandato presidencial por meios constitucionais”.

As crônicas que Nelson Rodrigues publicou em *Manchete Esportiva* foram escritas e publicadas no exato período do governo JK, caracterizado por um projeto político-econômico para o país que os sociólogos denominaram de nacionalismo desenvolvimentista (citado por Goldenstein, op. cit: 63). A espinha dorsal da proposta política de JK era o Plano de Metas, cuja intenção central era “queimar etapas”, avançar rapidamente num modelo de desenvolvimento apoiado numa combinação *sui generis*: a associação do capital monopolista transnacional com o populismo e seu domínio<sup>11</sup>.

Na virada dos séculos 19 para 20, o lema “O Rio civiliza-se” celebrava a capital federal como o lugar onde a fórmula modernizadora de “ordem e progresso” acontecia sinteticamente, antes de se reproduzir pelo país. É possível dizer que, na mesma linha, a idéia

de um projeto civilizatório não só persiste, como vontade de integração tardia do país à esfera do capitalismo monopolista, como volta a acelerar, na segunda metade da década de 50, com o lema dos 50 anos em 5, de JK.

A cidade se transformava rapidamente, como registraram os cronistas:

[...] Dos clubes, só resta o denominado Automóvel, que então se chamava dos Diários. Os demais foram postos abaixo, transformados em cinemas ou magazines.

A Rua do Passeio de hoje não tem mais nada da de antanho.

Ontem, às primeiras horas da noite, lá passei, detendo-me a contemplar a sua transformação, produto da vida moderna. Em vez dos bondes, o que há são os ônibus de várias linhas e ingurgitamento de tráfego.<sup>12</sup>

Mas continuava no ritmo de uma “civilização” espelhada de fora:

[...] [O Rio de Janeiro] Conhece o presente. Adivinha o futuro. Mas não lhe falem em datas, épocas, feitos, criaturas do passado. Não lhe falem, que se atrapalha. Em compensação, enumera todos os costureiros, cabeleireiros, chapeleiros, sapateiros, perfumistas de Paris e do mundo, diz de cor a biografia de todos os artistas de cinema, adora futebol e corridas de cavalo, conversa em francês, inglês, italiano, espanhol, toma uísque, come strogonoff, dança tudo. É a girl do grande show...<sup>13</sup>

Ou ainda:

[...] Já agora o Largo do Boticário da minha meninice pode passar a chamar-se com mais propriedade e modernidade, Praça do Farmacêutico.<sup>14</sup>

<sup>10</sup> *Veja-se a esse respeito o livro de Mário Filho, O negro no futebol do Brasil, e o prefácio do mesmo livro, assinado por Gilberto Freyre. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.*

<sup>11</sup> *Em Manchete Esportiva do n.º 130 ao 139, de maio a julho de 1958.*

<sup>12</sup> *Veja-se a respeito o primeiro capítulo do livro de Dreifuss, 1981.*

<sup>13</sup> *Crônica de Aderson Magalhães, de 1958. In: BANDEIRA, Manuel & ANDRADE, Carlos Drummond. Rio de Janeiro em prosa & verso. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965. (Rio 4 Séculos, v. 5) p. 158.*

<sup>14</sup> *Crônica de Álvaro Moreyra, de 1958. “Havia uma oliveira no jardim”. In ibidem, p. 551.*

*Crônica de Manuel Bandeira, de 1955, falando da praça que conhecera em 1897. In ibidem p. 153.*

Em abril de 1956, ou seja, três meses depois de ter assumido a Presidência da República, Juscelino vai ao Maracanã assistir a final do Campeonato Carioca de 1955, que só terminou em 1956. O Flamengo fez 4 x 1 sobre o América e *Manchete Esportiva* (n. 21, 11 abr. 1956) registra a presença presidencial, em reportagem assinada por Ney Bianchi. O título é “Juscelino viu tudo” e o subtítulo, “Errou o escore, mas acertou o campeão...”:

- “Excelência,” – perguntou o repórter – “qual o seu palpite para o jogo?”

O presidente pensou. Depois sorriu:

- “Acho que vai ser taco a taco”, afirmou ele simplesmente. E justificou: – “Esse é um jogo que não tem favoritos”.

- “Excelência” – insistimos – “qual o seu escore?”

- “2 x 2.”

- “Bem, aí o Flamengo será campeão.”

O presidente limitou-se a sorrir o seu sorriso largo e franco...

Fora do estádio, a política desenvolvimentista de JK impulsionava as mudanças já perceptíveis na estrutura sócio-econômica do Brasil. Dentre elas, menciona-se

[...] uma maior sofisticação do mercado interno, o crescimento das empresas, uma produção mais completa, a expansão das indústrias básicas, a tendência para urbanização e concentração metropolitana, uma intensificação de disparidades setoriais e de desigualdades sociais e regionais. (Dreifuss, 1981: 34.)

No Rio de Janeiro da época,

[...] os engenheiros da nova cidade não paravam. Havia um negro velho, com a camisa para fora das calças, dando ordens: “A sua casa ia

ser aqui”, dizia ele para uma negra, com cara de choro, “mas não pode ser mais. É preciso tirar essa lama que o caminhão deixou ontem à noite, para poder a gente trabalhar”.

Já havia casa feita com moradores em pleno gozo da propriedade. Na frente era a lagoa, atrás o muro amarelo do Jóquei. O negro me disse: “Isto aqui é de primeira. Temos esta lagoa que dá tudo. É uma mão. Dela comemos. Peixe nos dá. Nela fazemos as serventias da casa. É de primeira. E tem este paredão que ajuda a gente contra os ventos”.

Vi uma casa coberta de capim. Era como se fosse um chiqueiro de porco, em cima de uma lama fedorenta. Mas havia também uma outra de tijolo e telha. Um palacete dominando a rafaméia. Era de um condutor da Light. Tudo aquilo crescera da noite para o dia [...] [...]Nasce uma cidade de lama ao pé do hipódromo mais belo do mundo.

Aí vem o grande prêmio. As modistas já estão a imaginar maravilhas para o acontecimento. Há cavalos comendo gemas de ovo e um bom vinho do Porto, como lorde inglês, para a corrida sensacional. Eu aconselharia o Sr. Prefeito a ver a cidade nova que vem nascendo.<sup>15</sup>

Advinham as chamadas transformações na divisão social do trabalho, com a criação de enorme classe trabalhadora industrial, a expansão das atividades ligadas ao setor de serviços e a formação de novos segmentos de assalariados (Dreifuss, op. cit.: 36). O alto crescimento populacional urbano se realiza numa taxa média anual de 5,47%, na década 1950-1960. Na década imediatamente anterior, esse crescimento fora da ordem de 3,84% anuais. E na medida em que a população se urbaniza, novos produtos se incorporam ao consumo. Como observa Paul Singer (s/d: 223),

<sup>15</sup> *Crônica de José Lins do Rego, de 1951. In ibidem, p. 175-176.*



O estilo de vida urbano é um produto do capitalismo industrial, que se transforma cada vez que novos produtos são lançados no mercado. O automóvel, o telefone, a geladeira e centenas de outros produtos caracterizam um padrão de vida que constitui a razão de ser do ‘desenvolvimento’ para a maioria da população.

Sem dúvida, essa expansão das cidades e as transformações no padrão de consumo da população urbana contribuem para a formação do consumidor para uma revista como *Manchete Esportiva*, comprada em sua maior parte pela classe assalariada, conforme se verifica no depoimento de Augusto Rodrigues. Na medida em que uma parcela da população conquista poder de compra para adquirir revistas de lazer, como *Manchete Esportiva*, ela pode ser incluída na lista dos bens do “desenvolvimento”, ou seja, uma mercadoria, ao lado da geladeira e da televisão.

O tipo de transformação que se estabelece na sociedade potencializa também a relação mediada da população com o esporte, pelas revistas, pelos jornais, pelo rádio e, de forma incipiente, pela televisão. Nasceu nas fábricas, no final do século 19, como agente integrador, reunindo lazer e produção, reeducando e docilizando o corpo para a rotina fabril, a prática do esporte é substituída pela assistência do esporte – ele se torna espetáculo. A crônica, narrativa sobre o espetáculo do esporte, texto sobre o texto – é uma mediação sofisticada: reelabora discursivamente a ação, com ênfase no imaginário.

Por outro lado, é intensa a relação entre o projeto de modernidade da revista, seu valor como objeto do desenvolvimento e a

**A expansão das cidades e as transformações no padrão de consumo da população urbana contribuem para a formação do consumidor para uma revista como *Manchete Esportiva*, comprada em sua maior parte pela classe assalariada**

formação de opinião da população urbana, eminentemente leitora e decisiva nas questões políticas. Durante o período de Getúlio Vargas instituiu-se o direito ao voto universal, mas ele não valia para os analfabetos, o que em última instância representou a concessão do direito de decisão às cidades. Pelo censo de 1950, “os alfabetizados com 20 anos e mais, e portanto potencialmente eleitores eram [...] 7,3 milhões nas cidades e apenas 4,7 milhões no campo” (ibidem: 236). É inequívoco o potencial dos jornais e revistas da época como agentes da consolidação de um projeto de desenvolvimento que integra urbanizando, a ponto de a meta-síntese do Plano de Metas ser justamente a “moderníssima” Brasília.

O próprio futebol “moderno” – Nelson se refere diversas vezes a ele e suas exigências – representa uma parte desse processo de reelaboração da relação do campo com a cidade, pois há também uma simbologia em jogo quando os times se enfrentam nos estádios. O futebol era praticado nos pátios das fábricas e nas ruas das cidades, bem como nas várzeas das periferias. Com a expansão urbana, o espaço verde do campo de futebol ganha nova importância, enquanto lugar onde os times – quase unicamente de homens: naquele tempo surgiam os primeiros times femininos e se discutia se mulheres deveriam praticar o futebol – reencarnam uma prática de combate e resistência.

Pois Nelson ingressa nessa arena de combate com suas crônicas em *Manchete Esportiva*. Algumas de suas características, que o estigmatizam até os nossos dias (tais como: “ele era um reacionário”), surgem muitas vezes da força que confere ao instinto, ao impulso interior rebelde e não-docilizado, na definição dos papéis sociais. Talvez a concepção

da capacidade de resistência e criatividade está certamente enraizada no ideário da *golden age* do projeto desenvolvimentista da era JK, mas também reflete outra das obsessões de Nelson: a de acreditar, a qualquer tempo, no valor do drama ético do indivíduo, diante de si mesmo e dos demais.

### Sobre a autora

*Daisi Vogel, Doutora em Literatura, professora do Departamento de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).*

*e-mail: daisivogel@yahoo.com.br*

### Referências

BANDEIRA, Manuel & ANDRADE, Carlos Drummond. *Rio de Janeiro em prosa & verso*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965. (Rio 4 Séculos, v. 5).

BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. *O governo Kubitschek: desenvolvimento econômico e estabilidade política 1956-1961*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

CARPEAUX, Otto Maria. *História da Literatura Universal*. vol. 6. s/d.

CASTRO, Ruy. *O anjo pornográfico: a vida de*

*Nelson Rodrigues*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

DAMATTA, Roberto. "Antropologia do óbvio". In: *Dossiê Futebol. Revista USP*, n. 22, jun-jul-ago, São Paulo: USP, 1993.

DREIFUSS, René Armand. 1964: *A conquista do estado; ação, política, poder e golpe de classe*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1981.

GOLDENSTEIN, Gisela Taeschner. *Do jornalismo à indústria cultural*. São Paulo: Summus, 1987. (Buscas em Comunicação, v. 19).

MÁRIO FILHO, *O negro no futebol do Brasil*, e o prefácio do mesmo livro, assinado por Gilberto Freyre. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

ROSENFELD, Anatol. *Negro, macumba e futebol*. São Paulo: EDUSP: Perspectiva; Campinas: Unicamp, 1993. (Debates, v. 258).

SINGER, Paul. Interpretação do Brasil: uma experiência histórica de desenvolvimento. In: FAUSTO, Boris (org.). *O Brasil Republicano: 4. Economia e cultura (1930-1964)*. 2. ed. São Paulo: Difel, s/d. (História Geral da Civilização Brasileira, tomo 3).

SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. 4 ed. São Paulo: Mauad, 1999.